

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

(Organizadoras)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

Atena
Editora
Ano 2022



Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

(Organizadoras)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



A cultura em uma perspectiva multidisciplinar 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 A cultura em uma perspectiva multidisciplinar 2 /
Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda
Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0467-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.675222507>

1. Cultura. I. Pereira, Denise (Organizadora). II.
Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Quando pensamos em multidisciplinaridade, antes de qualquer elucubração convém destacar, como nos lembra Ivani Fazenda (2013), que são possíveis quatro níveis de interação entre as disciplinas, o que revela diferentes formas de percepção quanto aos diálogos entre elas: a multidisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade, esta última talvez a mais discutida nas últimas décadas no Brasil. A multidisciplinaridade, assim, pressupõe a justaposição, a aproximação profícua de disciplinas, sem, contudo, diminuir o “status” de cada uma delas.

Nesse sentido, ao abordar a cultura em uma perspectiva multidisciplinar, falamos em valorização em essência da polissemia que o conceito de cultura traz em seu bojo, com diversas camadas de significado acumuladas a partir das relações estabelecidas com diferentes campos do saber, dos contatos, nem sempre tranquilos e silenciosos, entre povos e nações (SANTOS, 2017).

A cultura abordada nos textos aqui compilados, portanto, não se refere apenas aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou de grupos no interior de uma sociedade, tampouco especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças ou às maneiras como existem na vida social.

Os trabalhos apresentados, sem dúvida, aos ultrapassarem essas duas principais definições de cultura em uma perspectiva multidisciplinar contribuirão para construirmos respostas para os questionamentos que, cotidianamente fazemos, mesmo sem nos darmos conta, acerca das culturas que nos permeiam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti


REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
UM OLHAR CONSTRUTIVISTA SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO SOCIOCULTURAL E OS PROCESSOS FORMAIS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janaína Nunes da Costa Hugo Freitas de Melo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225071	
CAPÍTULO 2	15
O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA COMO VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA	
Priscilla Gonçalves de Azevedo Bianka Pires André	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225072	
CAPÍTULO 3	28
LITERATURA BRASILEIRA E AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO: A INTERPRETAÇÃO DO ALUNO	
Ivaneide Damasceno do Nascimento Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225073	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA LITERÁRIA E CULTURA CIENTÍFICA: O PAPEL MULTIDISCIPLINAR DA LITERATURA	
Carla Isabel Abrantes Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225074	
CAPÍTULO 5	55
A FILOSOFIA <i>BLACK POWER</i> E O RACISMO INSTITUCIONAL	
Antonio Gomes da Costa Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225075	
CAPÍTULO 6	62
REFLETINDO SOBRE MINHA IDENTIDADE: UM PESQUISADOR NO CONTEXTO CULTURAL DE UM MUNICÍPIO SEM REGISTROS	
Patrich Depailler Ferreira Moraes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225076	
CAPÍTULO 7	81
ECONOMIA CRIATIVA E SERVIÇOS CULTURAIS: EMPREGO FORMAL EM REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL	
Crisley Tatiana Dias Mota	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225077	

CAPÍTULO 8.....	93
TERAPIA OCUPACIONAL E O BALLET CLÁSSICO COMO POTENCIALIZADOR NA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Ingra Gardesani Tuvacek	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Paula Peixinho Sanchez Iwantschuk	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225078	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	108
ÍNDICE REMISSIVO.....	109

LITERATURA BRASILEIRA E AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO: A INTERPRETAÇÃO DO ALUNO

Data de aceite: 04/07/2022

Ivaneide Damasceno do Nascimento Gomes

Mestra em Educação e Diversidade Cultural
e Professora do Ensino Médio do Colégio
Estadual de Jequié
Jequié-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/4966412883349551>

RESUMO: O artigo apresentado baseia-se nos resultados da dissertação intitulada “Literatura Brasileira e Afro-Brasileira no Ensino Médio: a interpretação do aluno” que teve como objetivo a problematização sobre a importância da literatura afro-brasileira para o desvelamento do pertencimento étnico-racial de estudantes do ensino médio. Os sujeitos da pesquisa foram 30 jovens da 3ª série do ensino médio, estudantes do turno vespertino, de uma escola situada no município de Jequié-BA. Para o estudo, seguimos a vertente da pesquisa-ação existencial proposta por René Barbier acrescentando os fundamentos teóricos e metodológicos propostos por Paulo Freire na obra “Pedagogia do Oprimido”. Utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos contidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, publicadas em 2004. Acrescentamos nestes estudos os pressupostos teóricos – metodológicos contidos nas obras de estudiosos como: Gomes (2010), Munanga (2004), Silva (2010), entre outros, todos com estreita ligação com as DCNERER. Os resultados e conclusões

da pesquisa em pauta, nos permitem afirmar que a inserção da literatura afro-brasileira nas aulas de literatura brasileira no ensino médio, como prática de uma educação para as relações étnico-raciais, pode contribuir para o desvelamento do pertencimento étnico-racial, bem como para o desenvolvimento do sentimento de alteridade entre os estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Literatura Afro-Brasileira. Pertencimento Étnico. Pesquisa-ação Existencial. Abordagem Freiriana.

BRAZILIAN AND AFRO-BRAZILIAN LITERATURE IN HIGH SCHOOL: THE STUDENT'S INTERPRETATION

ABSTRACT: The article presented is based on the results of the dissertation entitled “Brazilian and Afro-Brazilian Literature in High School: the student's interpretation” which aimed to problematize the importance of Afro-Brazilian literature for the unveiling of the ethnic-racial belonging of high school students. The research subjects were 30 young people from the 3rd grade of high school, students in the afternoon shift, from a school located in the city of Jequié-BA. For the study, we followed the existential action-research approach proposed by René Barbier, adding the theoretical and methodological foundations proposed by Paulo Freire in the work “Pedagogy of the Oppressed”. We use the theoretical-methodological assumptions contained in the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture, published in 2004. We add to these studies the theoretical-methodological assumptions

contained in the works of scholars such as: Gomes (2010), Munanga (2004), Silva (2010), among others, all with close links with the DCNERER. The results and conclusions of the research, in question, allow us to affirm that the insertion of Afro-Brazilian literature in Brazilian literature classes, in high school, as a practice of education for ethnic-racial relations, can contribute to the unveiling of belonging ethnic-racial, as well as for the development of the feeling of alterity among the students.

KEYWORDS: Literature. Afro-Brazilian Literature. Ethnic Belonging. Existential action research. Freirian approach.

1 | INTRODUÇÃO

Trago neste trabalho dados que compõem a dissertação de mestrado intitulada *Literatura Brasileira e Afro-Brasileira no Ensino Médio: a interpretação do aluno*¹ defendida em 2015. Nossa preocupação inicial era entender o percurso e obstáculos para o ensino de literatura afro-brasileira (entrecortado por aspectos como pertencimento étnico e preconceito racial) nas escolas do ensino médio da Bahia e como a ênfase neste ensino pode contribuir para o desvelamento do pertencimento étnico-racial dos(as) estudantes negros(as). Preocupados, também, com a participação de todos os envolvidos optamos por escolher vertente da pesquisa-ação proposta por Renê Barbier (2007) acrescentando os fundamentos teóricos e metodológicos proposto por Paulo Freire na obra “Pedagogia do Oprimido”.

Dentro desta ótica, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: Que potencialidades de pertencimento étnico-racial se apresentam, no desenvolvimento do processo de pesquisa-ação existencial, tomando a literatura afro-brasileira como conteúdo das aulas de literatura brasileira, em uma turma do ensino médio?

Se, na maioria dos estados da federação, a escola pública é frequentada por um número considerável de negros² e seus descendentes, na Bahia, esse número é maior, pois esse estado concentra um dos maiores contingentes de afro-brasileiros do país³. A escola, como espaço de formação do educando, contribui para a construção de valores que o acompanharão em sua trajetória de vida, e o ensino de literatura, como disciplina do ensino médio, etapa final da educação básica, também pode oferecer uma importante contribuição para essa formação.

Durante todo o ensino básico⁴, a literatura entra como disciplina obrigatória apenas

1 A pesquisa foi realizada como parte das atividades do mestrado profissional em Formação de Professores da Educação Básica/-PPGE da UESC; sob a orientação da Professora Rachel de Oliveira, Doutora em Educação e Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

2 Neste artigo, usaremos, preferencialmente, o genérico masculino para nos referirmos ao masculino e ao feminino. A despeito das polêmicas sobre o assunto, acreditamos que a escrita se fará mais dinâmica e, por conseguinte, mais fluida.

3 Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), somando-se pretos e pardos, a população negra na Bahia chegou a 81,1% em 2018.

4 A Educação Básica, segundo a Lei 9394/2006, no seu artigo 4º, é dividida da seguinte forma:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

L Educação básica obrigatória dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

no ensino médio. Atualmente, o conhecimento sobre a literatura brasileira, sistematizado no livro didático, precisa estar de acordo com a Lei 10639/03. As obras destinadas a esta etapa do ensino básico devem trazer em seu conteúdo, além dos textos literários moldados a partir da literatura portuguesa, textos da literatura africana e afro-brasileira.

Mesmo assim, a literatura brasileira que chega à maioria das salas de aula continua privilegiando uma cultura de viés eurocêntrico e excludente.

Durante a minha experiência como professora do ensino médio da escola pública, há mais de duas décadas lecionando para jovens do ensino médio, tenho observado que os estudantes, às vezes, são expostos a uma leitura pouco identificada com suas vivências e, até certo ponto, distante de sua realidade. Neste sentido, a inserção da literatura afro-brasileira⁵, talvez, esteja mais próxima do que vivem os estudantes das escolas públicas baianas.

Para tentar encontrar possíveis respostas para nossa questão de pesquisa, estabelecemos como objetivo geral: **Analisar** potencialidades de pertencimento étnico-racial apresentadas no desenvolvimento do processo de pesquisa-ação existencial, tomando a literatura afro-brasileira como conteúdo das aulas de literatura brasileira. E como objetivos específicos: **Observar e descrever** e **(re)significar** o posicionamento dos(as) estudantes frente aos novos conteúdos sobre a história e a literatura afro-brasileira. **(Re)significar** a Literatura por meio dos conteúdos sobre história e literatura afro-brasileira e **identificar** categorias freirianas envolvidas no diálogo entre a pesquisadora e os pesquisadores participantes (os(as)estudantes).

A estrutura deste artigo está dividida em quatro partes que se complementam: a primeira se debruça sobre questões ligadas à literatura brasileira, afro-brasileira e à educação para as relações étnico-raciais. Fazemos um contraponto entre a literatura canônica e a literatura afro-brasileira, enfatizando, também, como os negros são retratados em obras clássicas da literatura “brasileira”. Prosseguimos, refletindo sobre o papel da literatura brasileira na difusão da cultura hegemônica e eurocêntrica e a pouca e negativa representatividade da população negra nas obras dos grandes escritores. Traçamos um paralelo entre a literatura afro-brasileira e a Lei 10.639/03, discutimos sobre a importância dos conteúdos e imagens da literatura afro-brasileira para o debate em sala de aula, destacando, ainda, os prejuízos gerados pela ausência desse debate. Discorreremos sobre a importância de uma educação que leve em consideração a diversidade no espaço da sala de aula, a diferença; uma educação pautada no diálogo. Reafirmamos a importância da educação como ação que liberta, segundo a perspectiva da Pedagogia do Oprimido, acrescentando reflexões importantes para o debate à luz das Diretrizes Curriculares para

a) pré-escola; (Incluída pela Lei nº 12.796, de 2013).

b) ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796 de 2013

c) ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796 de 2013)

II – Educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Lei nº 12.796 de 2013)

⁵ Utilizaremos, com frequência, a palavra “afro-brasileira”, de acordo com nomenclatura utilizada pelas DCNERER quando se refere à história e cultura dos descendentes de africanos negros que vivem no Brasil. Africana.

a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER). Na segunda e terceira partes, analisamos como se configura a pesquisa-ação em Renê Barbie e o diálogo que estabelecemos entre essa pesquisa e a obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, descrevemos fragmentos e observações que foram construídos durante os diálogos entre a pesquisadora e os estudantes. Na quinta e última parte, intitulada como Considerações Finais, nos debruçamos sobre as conclusões advindas das reflexões feitas durante os diálogos e sua ligação com a nossa questão de pesquisa. Entendemos que o diálogo foi a ponte que permitiu os resultados apresentados, resultados estes que, de certo modo, responderam à nossa pergunta de pesquisa. Acreditamos que o desvelamento do pertencimento étnico-racial faz parte de um processo de contínua valorização dos negros e negras e essa valorização perpassa pelo conhecimento da sua história e cultura.

2 | LITERATURA BRASILEIRA, LITERATURA AFRO-BRASILEIRA, QUANDO ESSES CAMINHOS SE ENCONTRAM EM UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A literatura, dita de modo simplificado, é o manusear artístico da palavra, a partir de uma visão ficcional, constituída e legitimada pela verossimilhança⁶.

A literatura costuma ser definida, antes de tudo, como linguagem, construção discursiva marcada pela finalidade estética. Tal posição ancora-se no formalismo inerente ao preceito kantiano da 'finalidade sem fim' da obra de arte. Todavia, outras finalidades, para além da fruição estética, são também reconhecidas e expressam valores éticos, culturais, políticos e ideológicos. A linguagem é, sem dúvida, um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário. (DUARTE, 2014, p. 26).

Essa linguagem instituída pelo texto literário conduz o(a) leitor(a) a repensar o mundo, o seu mundo, as suas decisões. Também faz com que as palavras se cristalizem, perpetuando-se como registro histórico da realidade vigente de um determinado período, ou um aspecto desse período que se pretenda preservar, manter; depende do ponto de vista de cada escritor, ou seja, “[...] a literatura pode ser a representação de uma visão de mundo, além de uma tomada de decisão diante dele.” (PROENÇA FILHO, 2001, p. 9).

Dentro dessa ótica, é plausível questionar: O que a literatura brasileira diz sobre seu povo? Qual a imagem construída sobre o papel da mulher, dos brancos, indígenas e negros? E sendo a literatura uma fotografia de seu tempo podendo servir a uma causa político-ideológica ou uma luta social, conforme citamos acima, podemos concluir que ela tem uma determinada função dentro do currículo escolar.

Nos textos da literatura brasileira, o negro tem sido representado, quase sempre, de maneira estereotipada e em muitos casos apenas como objeto de decoração.

O sujeito étnico branco do discurso bloqueia a humanidade da personagem

⁶ Verossimilhança: é a característica que o texto literário tem, de parecer ser verdadeiro; um texto verossímil é um texto que se aproxima da verdade, mas é uma obra de ficção.

negra, seja promovendo sua invisibilidade, seja tornando-a mero adereço das personagens brancas ou apetrecho de cenário natural ou de interior, como uma árvore ou um bicho, um móvel ou qualquer utensílio ou enfeite doméstico. Aparece mas não tem função, não muda nada, e se o faz é por mera manifestação instintiva, por um acaso. Por isso tais personagens não têm história, não têm parentes, surgem como se tivessem origem no nada. A humanidade do negro, se agride a humanidade do branco, é porque esta última se sustenta sobre as falácias do racismo. (CUTI, 2010, p.89).

Esse ponto de vista relacionado à imagem do negro, essa representação do mundo tem forte viés eurocêntrico⁷, branco. Tanto a desvalorização quanto a invisibilidade foram cristalizadas nas obras da maioria dos escritores brasileiros de várias épocas. Para citar alguns, temos Monteiro Lobato (1882-1948); Jorge de Lima (1893-1953) com a sua eterna “nega fulô”; Aluísio de Azevedo (1857-1913), ferrenho escravocrata, imortalizando personagens como Bertoleza (animalizada) e Rita Baiana (sensual e destruidora de lares); Euclides da Cunha⁸ (1866-1909), com seu “pseudo” mestiço resultado da junção entre índios e brancos.

Negros e negras; elas, eternizadas, muitas vezes como personagens sedutoras, sexualizadas, “depravadas” e pivô de conflitos matrimoniais: Rita Baiana⁹, “Fulô¹⁰, a negra Luíza¹¹; infantilizadas: Gabriela¹². Eles, descritos como vilões e feiticeiros: Pai-Raiol¹³, Pai Inácio¹⁴, o velho Mirigido¹⁵; malandros e seres viris, de inteligência reduzida: Firmo¹⁶, Zé Passarinho¹⁷. Homens e mulheres eternizados em personagens construídos para a marginalização e a violência, ora física, ora psicológica, mas sempre como marca simbólica de suas existências. Os textos canônicos da literatura brasileira souberam dar sua contribuição a esse processo, institucionalizando situações que foram cristalizadas em textos amparados em teorias raciais (O Mulato, O Cortiço), consideradas verdades absolutas ao longo do tempo. Muitos escritores, a partir da metade do século XIX, aproveitavam a temática do negro para criar estereótipos eficazes e perigosos sobre o afro-brasileiro; entre os quais, estão o mito do escravo fiel e a imagem do escravo demônio, criados por Joaquim Manuel de Macedo; a temática do escravo desprezível, de Pinheiro Guimarães; já o escritor

7 “Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de meados do século XVII, [...]. Não se trata, em consequência, de uma categoria que implica toda a história cognoscitiva em toda a Europa, nem na Europa Ocidental em particular. Em outras palavras, não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo.” (QUIJANO, 2005, p. 235).

8 Escritor do Pré Modernismo, o romance mais importante de sua carreira foi “Os Sertões”, obra que narra em detalhes a histórica guerra de Canudos.

9 AZEVEDO, Aluísio T. G. de. **O Cortiço**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

10 LIMA, Jorge de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguillar, 1958, vol.1.

11 RÉGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Editora Abril, 1983.

12 AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela**. 85 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

13 MACEDO, Joaquim M. de. **As Vítimas Algozes: Quadros da Escravidão**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2006.f

14 ALENCAR, José M. de. **O Tronco do Ipê**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

15 CORREA, Viriato. **Cazuza**. 23 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

16 AZEVEDO, Aluísio T. G. de. Op. Cit.

17 RÉGO, José Lins do. **Fogo**.

Bernardo Guimarães reforça o mito do escravo nobre (a escrava Isaura), que, por esta razão, muda de cor e da escrava negra vingativa (a escrava Rosa).¹⁸ (FONSECA, 2006). E mesmo após a abolição, a construção da imagem negativa do negro continua. O negro retratado como monstruoso, ficaram gravadas as imagens do velho Mirigido, do romance Cazuza, de Viriato Correia¹⁹. Assim também é descrita a personagem Boca Torta, que empresta o nome ao título do conto de Monteiro Lobato, *Boca Torta*. (FONSECA, 2006). Como discorremos, a literatura brasileira tem viés eurocêntrico, o cânone literário brasileiro é formado por escritores, em sua maioria, brancos.

Segundo Souza (2005, p.71) falar de literatura afro-brasileira pressupõe duas questões principais: “O lugar de quem fala [...]”, étnico de pertencimento ou de adoção, sem essencialismos e” [...] aliado a isto um debruçar-se sobre os arquivos da história do negro passada ou presente e ou sobre as culturas de origem africana”. É importante emprestar um tom, uma cor à literatura brasileira, não com o objetivo de segregar, mas para reforçar o caráter ideológico de uma literatura que tenha como um dos objetivos contar a história do povo negro sem estereótipos, nem com o condicionante da inferiorização, como tem sido feito pelas diversas obras do cânone que buscam a superioridade do branco, nos mínimos detalhes.

Os escritores e as escritoras negros e negras há muito se debruçam sobre as questões pertinentes ao povo negro. Escritores como Luiz Gama (1830-1882), Lima Barreto (1881-1922), Antônio Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), José do Patrocínio (1853-1905), entre outros, narraram em seus escritos as vivências do povo negro.

Apesar de tantas lutas, apenas em 2003, houve avanço no que se refere ao ensino da cultura e história do povo negro nas escolas, com a promulgação da Lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, ao incluir a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em todas as séries do ensino fundamental e médio da educação básica. No âmbito federal, também foram criadas as DCNERER. Ambas propõem novos percursos para a sociedade democrática; pressupõem também que as escolas possam proporcionar espaços que favoreçam a tomada de consciência da construção de nossa identidade cultural, situando-a em relação com os processos socioculturais do contexto em que vivemos e da história do nosso país, que durante muito tempo conviveu com o estigma da escravização, como se essa fosse uma história única, contada pelo opressor e referendada pelo oprimido.

Entender a escola como o lugar onde todas as culturas se entrecruzam, as etnias se encontram, estabelecer um diálogo entre esses sujeitos é o início do caminho para a

18 Joaquim Manoel de Macedo e Bernardo Joaquim da Silva Guimarães fizeram parte do período literário denominado Romantismo. A obra mais famosa do primeiro escritor é *A Moreninha* e do segundo: *A Escrava Isaura*; já o médico e teatrólogo Francisco Pinheiro Guimarães fez parte do período literário denominado Realismo e sua peça mais famosa foi: *História de uma Moça Rica*.

19 Romancista maranhense da primeira geração de modernistas, do início do século XX.

construção de uma sociedade menos desigual. Uma educação libertadora que consiga desconstruir o discurso do opressor, pautada no diálogo entre educador e educando, para o desvelamento de “situações-limite” (FREIRE, 2003) que possam ser problematizadas buscando-se a superação. Talvez o caminho para superar, perpassa pela assunção do pertencimento, pelo respeito às diferenças e pelo conhecimento da história e cultura afro-brasileira.

Uma educação antirracista também pressupõe uma educação libertadora, porque coloca o estudante em condições de “[...] re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo [...]”, que desde sempre lhe foram negadas pela cultura eurocêntrica, “[...] para na oportunidade devida, saber e poder dizer sua palavra [...]” (FREIRE, 2003, p. 13).

Estudar História e a Literatura Afro-brasileira é também um gesto político, questionador de paradigmas eurocêntricos que marginalizam, desqualificam e negam as contribuições dos africanos para a humanidade e da intelectualidade afro-brasileira para a literatura. (SILVA, 2010a).

Estas são proposições que visam a uma mudança de paradigma nas aulas de literatura brasileira, ou seja, uma educação para a liberdade. Porém, uma educação libertadora é trabalhosa, pressupõe, neste contexto, rever conceitos, silêncios, metodologias. São necessárias muitas leituras para se começar a modificar o cenário em que educadores e educandos são partes de um mesmo conjunto. Dessa forma, busca-se a “superação” num sentimento de ajuda mútua para “ser mais”. Que se consiga parcerias para a tessitura de um discurso para transformar o cotidiano em um momento melhor, neste caso, envolto no conhecimento da literatura afro-brasileira.

3 | OS DIÁLOGOS QUE CONSTRUÍRAM O CAMINHO

A pesquisa foi estruturada a partir dos fundamentos da pesquisa-ação existencial elaborados por René Barbier; sua vinculação com o existencialismo de Sartre e com os pressupostos da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire.

A pesquisa-ação visa a apontar caminhos que possibilitam o diálogo com diferentes sujeitos, de modo crítico, sobre suas raízes culturais e outros temas pertinentes. Barbier (2007) argumenta que nesta metodologia “[...] não se trabalha sobre os outros, mas sempre com os outros”, para resolução de problemas coletivos, dos quais, o pesquisador deve estar implicado, ou seja, comprometido com a superação dos limites que impedem o processo de transformação.

Segundo Desroche (2006), na pesquisa-ação, os autores da pesquisa e os atores sociais se encontram reciprocamente implicados - autores e atores desenvolvem e são responsáveis pela ação que se torna coletiva. Os atores não são objetos de observação, de explicações ou interpretação; ao contrário todos são sujeitos atuantes introduzidos no projeto em todo o seu desenrolar, desde o entendimento da concepção até a avaliação do

processo que não comporta prazos, de maneira dialética e humanizadora.

Entretanto, o pesquisador pode fazer um corte temporal na pesquisa para atender aos objetivos e prazos acadêmicos, sem prejudicar o processo dialógico, mas, sendo um pesquisador implicado, deverá ainda prosseguir até que o grupo opte pela finalização.

Como foi anunciado anteriormente, seguimos a vertente da pesquisa-ação proposta por Barbier (2007) acrescentando os fundamentos teóricos e metodológicos proposto por Paulo Freire na obra “Pedagogia do Oprimido”. Assim destacamos as seguintes categorias para o trabalho de campo: “situações-limite”, “atos-limite”, “ser-mais” e “superação”, como categorias teórico-metodológicas centrais.

Segundo Paulo Freire, uma concepção que reconhece os sujeitos como meros objetos nega-lhes a liberdade de escolha no processo de transformação da realidade, reforçando, assim, a cultura do silêncio que tem sido historicamente imposta às camadas populares.

O diálogo é o caminho para o debate sobre as relações raciais no Brasil, e pode ser uma das possibilidades do desvelando das opressões étnico-raciais vigentes na estrutura das escolas. Na obra “Pedagogia do Oprimido” Freire (2003) constrói categorias que correspondem ao processo de superação das situações–limite impostas pelos chamados opressores.

Durante o processo de reconhecimento do espaço hipoteticamente reservado a sua etnia dentro da sociedade, o homem negro e a mulher negra deparam-se com as situações-limite como o preconceito racial e as discriminações originadas deste, situações que podem empurrá-lo(a) para o ser menos ou conduzi-lo(a) para a busca do ser mais, perpassando pelo desvelamento de atos-limite, como pressupostos para fortalecê-lo(a), em um movimento constante de ação e reflexão. Segundo o mesmo autor:

Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão ‘aceitam’ fatalisticamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, alhadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto reside sua ‘convivência’ com o regime opressor (FREIRE, 2003, p. 51).

O regime opressor do qual Freire (2003) faz referência pode ser representado pela negação do pertencimento étnico estimulado pelos opressores, como forma de enfraquecer e segregar o oprimido. De acordo com Souza (1990, p. 22),

A inexistência de barreiras de cor e de segregação racial __ baluartes da democracia racial __ associada à ideologia do embranquecimento, resultava num crescente desestímulo à solidariedade do negro que percebia seu grupo de origem com referência negativa, lugar de onde teria que escapar para realizar, individualmente, as expectativas de mobilidade vertical ascendente.

Assim, o negro apartou-se do seu assemelhado, o que resultou em prejuízos para a busca de uma unidade visando à obtenção de direitos. Oprimido em sua religião, em

sua história e cultura e o que é mais cruel: a rejeição de seus próprios traços físicos, o afro-brasileiro engendra-se em um emaranhado de situações-limite, das quais precisa conscientizar-se, e ao tomar consciência crítica de seu lugar no mundo, far-se-á um ser em busca de superação.

Segundo Freire (2003), a libertação é um parto e nasce desse parto um homem²⁰ novo que só é viável na e pela superação da contradição opressão-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. Essa superação para os negros e não-negros, pode se dar de maneira progressiva e permanente por meio de uma educação libertadora.

Tem-se falado dos avanços, mas, durante os diálogos, percebemos que eles ocorrem muito lentamente. Gomes, Oliveira e Souza (2010, p. 62) nos lembram que: “[...] A presença e a representação positiva das diferenças nos diversos espaços e setores sociais ainda são um direito a ser efetivado no Brasil, apesar de esse ter como característica principal o fato de ser uma sociedade pluriétnica e multirracial.”.

As mesmas autoras ressaltam ainda que, na educação brasileira, permanece um processo de lentidão e resistência de inclusão do direito à diferença, direito este que vem sendo conquistado pelos negros e negras com forte histórico de exclusão social em outros espaços políticos e jurídicos. (GOMES; OLIVEIRA; SOUZA, 2010). Assim, conseguimos, de certa maneira, entender porque, em um cenário como esse, se torna tão difícil discutir sobre uma literatura que valorize a história e cultura dos negros e negras brasileiros.

Durante os encontros, dialogamos sobre o vídeo História Única²¹ e o documentário Heróis de Todo o Mundo²², ao assistirem o documentário, observamos que os jovens ficaram impressionados com algumas personagens negras que marcaram presença no vídeo.

Dialogamos ainda com os estudantes sobre a importância da literatura afro-brasileira e entendemos que uma educação modelada nos princípios da ideologia de Paulo Freire pode contribuir para um processo contínuo de aprendizagem, troca de experiências entre educandos e educadores; experiências vivenciadas no cotidiano dos envolvidos e levadas para o espaço de sala de aula para que talvez se construa momentos de interação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular, em uma espiral que envolva a ação-reflexão no processo de ensino-aprendizagem.

20 Conservamos a palavra “homem”, utilizada por Paulo Freire em sua obra, porque entendemos que, quando faz uso dessa palavra, o escritor a utiliza como um termo abrangente em que se inserem todas as pessoas independente de gênero, cor, orientação sexual entre outros aspectos que são inerentes à condição de oprimido.

21 ADICHIE; C. **O perigo de uma história única**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>> Acesso em: abr. de 2015.

22 Heróis de Todo Mundo. Série de interprogramas com importantes personagens negras da cena nacional. São homens e mulheres que, de alguma forma, se destacaram em seu tempo na luta por uma vida melhor para todos. Fonte: <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/>. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vOSmIHK7QHc&index=39&list=PLqWjtf0yHm4kkPo86Pek2yD3qp71eDVa>> Acesso em: 10 fev. 2015.

4 I É POSSÍVEL CHEGAR À SUPERAÇÃO

Em uma experiência rica em significados e pautada pelos diálogos estabelecidos com os(as) estudantes, elaboramos as hipóteses que nortearam nossas conclusões a partir do desvelamento das categorias (expressões ou conceitos, criados ou (re)significados por Paulo Freire) freirianas: ser mais, atos-limite, situações-limite e superação, ocorridas durante os diálogos, para dimensionar a importância da literatura afro-brasileira naquele contexto.

Começamos conjuntamente a fazer levantamento sobre as situações-limite desveladas durante os diálogos por serem estas passíveis de desencadear atos-limite que poderão se tornar o caminho para o ser mais e a superação para os sujeitos participantes da pesquisa.

As situações-limite são barreiras que encontramos durante a nossa existência, sendo necessário (re)significá-las, (re)construí-las e, sempre que possível, superá-las. Durante os diálogos ocorreram inúmeras situações-limite, entre elas, as mais recorrentes foram: a discriminação racial, a desvalorização da estética negra, a desigualdade racial, o desconhecimento da história e cultura afro-brasileira, a violência policial, entre outras. Foram diálogos muito ricos quando estudantes e pesquisadora conversaram sobre vivências do cotidiano das pessoas negras em um espaço onde o silêncio sobre essas questões é muito comum.

Para tentar compreender as relações raciais estabelecidas entre brancos e negros no Brasil contemporâneo, conceitos como: raça, racismo e etnia são essenciais. De acordo com Munanga (2004, p. 22)

[...] o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. Munanga (2004, p. 22)

E completa: “[...] Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.” (Munanga, 2004, p. 28-29)

Ao discorrer sobre o conceito de racismo, o estudioso enfatiza:

[...] o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e anti-racistas. Constituem uma bandeira carregada para todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses. (Munanga, 2004, p. 29)

Todorov (1993, p. 107) traz, também, um conceito de racismo, talvez, como o entendemos atualmente. Segundo o autor:

[...] A palavra 'racismo', em sua acepção corrente, designa dois domínios muito diferentes da realidade: trata-se, de um lado, de um *comportamento*, feito, o mais das vezes, de ódio e desprezo com respeito a pessoas com características físicas bem definidas e diferentes das nossas; e, por outro lado, de uma *ideologia*, de uma doutrina referente às raças humanas. [...]

A superação pressupõe que sejam elaborados atos-limite. Os atos-limite são respostas transformadoras (FREIRE, 2003) no caminho para a superação. São as ações necessárias para romper as situações-limite (FREIRE, 2014). São a negação da aceitação dócil e passiva do que está aí e isso implica uma postura decidida frente ao mundo (FREIRE, 2014).

Alguns atos-limite colocados pelos estudantes, segundo a nossa percepção: o desconforto com a insistência de segmentos da sociedade em associar a imagem do negro à criminalidade; a resistência aos estereótipos imputados ao negro; a ausência do negro nos espaços de poder. Essas questões, para nós, se configuraram em atos-limite porque os sujeitos demonstraram um descontentamento, ou seja, começaram a desnaturalizar situações que foram instituídas ao longo do tempo e até certo ponto, não causavam incômodo ou se causavam, não eram verbalizadas. A partir de então, começamos a compreender como se deu a superação por meio do *ser mais*.

Ninguém chega à libertação por acaso, chega pela práxis de sua busca; “pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 2003, p.31).

A busca da liberdade pressupõe o ser mais, a luta pela humanização, pelo pensar livre, pela desalienação. Para Freire (2003, p. 74)

[...] qualquer que seja a situação em que alguns homens proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importam os meios usados para esta proibição. Fazê-los objeto e aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros. Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao *ser mais*, a humanização dos homens. E esta [...] é sua vocação histórica [...].

Algumas manifestações do *ser mais*, explicitadas pelos estudantes formam: A

valorização da história e cultura afro-brasileira, a valorização da estética negra, a não aceitação do papel de inferioridade imposto ao negro.

O conhecimento sobre a história da África e a literatura afro-brasileira é importante para termos consciência do que somos e como somos vistos e nos situarmos dentro do território de poder que nos cerca. Tarefa nem sempre fácil, pois vivemos em uma sociedade voltada para o aparente. As relações são voláteis e se dispersam no ar com um simples apagar da tela do computador. Vivemos um momento de efervescência e inquietação, o diálogo surge como um contraponto para mediar o conhecimento. Nesse sentido:

Tanto a Lei nº 10639/2003 quanto a Lei 11645/2008, que determina a obrigatoriedade do estudo das histórias e culturas dos povos indígenas nas escolas brasileiras, propõem novos percursos para a sociedade democrática. Exigem medidas para a superação de preconceitos contra negros e indígenas, como também contra outros marginalizados pela sociedade, ente eles, ciganos, caiçaras, carvoeiros, empobrecidos, homossexuais, idosos, deficientes. Finalmente, exigem redimensionamento de critérios para avaliar a qualidade da educação oferecida, da excelência acadêmica produzida, assim como das condições materiais, financeiras, técnicas, humanas para atingi-las. (SILVA, 2010a, p. 39)

As Leis 10639/03 e 11645/08 (re)significam o modo como se processa o conhecimento das culturas afro-brasileira e indígena em sala de aula. A educação para a liberdade, em Paulo Freire, busca a superação possível, apenas, nas relações homem-mundo e essa superação somente pode tornar-se verdadeira por meio da ação dos homens sobre a realidade (FREIRE, 2003).

Trazer para a escola demandas das populações negras, como o combate ao preconceito racial, a valorização da estética negra, o conhecimento sobre a cultura e história dos africanos e dos afro-brasileiros são iniciativas que beneficiam a todos, pois em nosso entendimento, muitas das mudanças acontecem por meio do diálogo sobre fatos como esses, levados ao conhecimento dos estudantes, por pessoas que fazem parte do mesmo grupo étnico. O diálogo sobre questões raciais contribui para desfazer os equívocos relacionados às populações negras e servir para fortalecer o laço entre os desiguais.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a nossa caminhada, pudemos perceber que os textos da literatura afro-brasileira podem servir de contraponto aos textos da literatura e da história oficiais, porque mostram uma realidade diferente daquela do texto canônico. Por meio da leitura desses textos: “O afro-brasileiro, portanto, reelabora os dados culturais de que necessita para construir um desenho identitário positivo para si e para o seu grupo; tentará, por conseguinte, desvelar o apagamento e o desprestígio constituídos pela ocidentalidade. [...]” (SOUZA, 2006, p. 62).

De acordo com Lobo (2007, p. 315),

[...] poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária afro-brasileira como a produção literária de afro-descendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagens estereotipados (folclore, exotismo, regionalismo). Na categoria de personagens estereotipados, incluem-se as mulatas lascivas, como a Gabriela de Jorge Amado, as mulatas de Di Cavalcanti, e a mãe preta servil, como a tia Anastácia, de Monteiro Lobato. [...] os expurgos dos estereótipos vêm sendo paulatinamente realizados pelos militantes afro-brasileiros nos sucessivos encontros que organizam, não com o objetivo de se chegar a um expurgo purista e moralista, mas visando à conscientização crítica da sociedade a esse respeito.

Sabemos o quanto a literatura canônica tem contribuído para a permanência de conceitos negativos a respeito do ser negro/tornar-se negro. As personagens negras são elaboradas nos livros para permanecerem na invisibilidade. Se ganham destaque é por alguma característica negativa. Dessa forma, contribuem para a manutenção de preconceitos e estereótipos, que passam de geração em geração, fazendo com que crianças, adolescentes e adultos leitores internalizem uma visão negativa do povo negro na sociedade brasileira, sejam esses leitores negros ou não negros.

Parece contraditório entender dessa forma o cânone oficial, mas é assim que a personagem negra é caracterizada em quase todos os livros da literatura recomendados para os jovens da escola pública. Quando analisamos o lugar da personagem negra nos romances de grandes escritores brasileiros, destacamos o tratamento dispensado aos negros no enredo dessas obras. Talvez seja neste sentido que a literatura afro-brasileira se opõe à literatura canônica:

A proposta de transgressão, que se efetiva também em textos da chamada literatura afro-brasileira, não pretende iluminar os lugares já indicados pela própria sociedade. Procura ultrapassar mesmo algumas posturas, que, embora mais críticas, se ligam à visão do negro 'tutelado, pois, ao falar por ele, silenciam a sua voz e imobilizam reações mais concretas para desarticular os papéis estabelecidos pela sociedade (FONSECA, 2010, p. 95).

Essa é uma discussão que precisa aprofundar-se nas escolas do ensino médio, onde a literatura passa a ser disciplina. Repensar o papel da literatura afro-brasileira nas salas da aula das escolas públicas, fomentar o debate sobre as questões inerentes ao negro, podem fazer com que avancemos no fortalecimento do pertencimento étnico-racial desses estudantes e que se possa desenvolver um sentimento de respeito à diversidade por todos os envolvidos, sejam eles negros ou não-negros.

Quanto a nossa questão de pesquisa proposta: Que potencialidades de pertencimento étnico-racial se apresentam, no desenvolvimento do processo de pesquisa-ação existencial, tomando a literatura afro-brasileira como conteúdo das aulas de literatura brasileira, em uma turma do ensino médio? Entendemos que conseguimos respondê-

la. Durante o percurso, fomos percebendo pelas falas dos jovens estudantes, como se tornava importante para alguns a autoafirmação como negros e isso só foi possível por meio do diálogo. O desvelamento do pertencimento étnico-racial para muitos que já se autodeclaravam negros, desde o início da pesquisa, se tornou mais forte, mais evidente; enquanto outros que permaneciam no território transitório entre o moreno e o pardo, acreditamos que conseguiram avançar quando, em determinados momentos, já se auto declaravam negros e conseguiam dimensionar com mais clareza a situação do negro na sociedade brasileira.

Acreditamos que, como a própria pesquisa-ação pressupõe, “em vez do termo ‘mudança’ encontrar-se-á: evolução, desenvolvimento, maturação do comportamento de aquisição, de aprendizagem...” (BARBIER, 2007, p.46). É com essa perspectiva que entendemos todo o processo de pesquisa-ação existencial em nosso trabalho. Assim, problematizamos com os sujeitos aspectos pertinentes à comunidade negra, e refletimos com os educandos sobre a literatura afro-brasileira e sua importância nas aulas de literatura brasileira para negros e não negros; tanto para os primeiros assumirem seu pertencimento étnico, como para os últimos entenderem a importância do respeito à alteridade e como a responsabilidade sobre essas questões não é apenas uma atribuição da comunidade negra, mas da comunidade como um todo.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE; Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>> Acesso em: 17 abr. 2015.
- ALENCAR, José. M. de. **O tronco do ipê**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela**. 85 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AZEVEDO, Aluísio. T. G. de. **O cortiço**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____. **O mulato**. Disponível em:<<http://www.dominicopublico.gov.br/download/texto/bn000166.pdf>> Acesso em: 22 dez. 2014.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BRASIL, **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 14 mar. 2014.
- _____, **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 05 maio 2013.
- _____, **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>> Acesso em: 05 maio 2013.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Disponível em: <[http://paulofreire.org/wp-content/uploads/2012/PME/DCN Educação das Relações Etnico-Raciais.pdf](http://paulofreire.org/wp-content/uploads/2012/PME/DCN%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20das%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Etnico-Raciais.pdf)> Acesso em: 10 mar. 2013.

CORREA, Viriato. **Cazuza.** 23 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

CUTI, Luiz S. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

DESROCHE, Henri. Pesquisa-ação dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa. In: THIOLENT, M. (Org.). **Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche.** São Carlos: EdUFScar, 2006.

DUARTE, Eduardo. de A. **Literatura Afro-Brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX.** Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FONSECA, Maria Nazareth S. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth. (Org.). **Literatura afro-brasileira.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 9-38. Disponível em: <http://www.clacso.org.ar/libreria_cm/archivos/pdf_257.pdf> Acesso em: 20 ago 2014.

_____. Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negro na cultura brasileira. In: FONSECA, Maria Nazareth S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 87-115

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Ana. M. Notas. In FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 273-333.

GOMES, Nilma L.; OLIVEIRA, Fernanda S. de; SOUZA, Kelly Cristina C. de. Diversidade étnico-racial e trajetórias docentes: um estudo etnográfico em escolas públicas. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma L. e (Orgs). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 57-74.

LIMA, Jorge de. **Obra completa.** Rio de Janeiro: Aguillar, 1958, vol.1.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MACEDO, Joaquim Manoel. de. **As Vítimas Algozes: quadros da escravidão.** Porto Alegre: Editora Zouk, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). **Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira.** Niterói: EDUFF, 2004. p. 15-34. Disponível em: <<http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%205%20-%20Texto%20Kabenguele%20Munanga.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2015.

_____. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Entrevista com Kabenguele Munanga. In: **Estudos Avançados**. 18 (50), 2004, p. 51-56. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>> Acesso em: 12 out. 2015.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278 Disponível em: < biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf> Acesso em: 15 maio 2015.

RÊGO, José L. do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Abril, 1983.

_____. Fogo Morto. **Fogo Morto**. São Paulo: Abril, 1983.

SILVA, Petronilha Beatriz G. Estudos afro-brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma. L. (Org.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Florentina. da S. **Afro-descendência em cadernos negros e jornal mnu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Literatura afro-brasileira: algumas reflexões. In: **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**. Brasília: Ministério da Cultura/ Fundação Cultural Palmares, Ano 1, n 2, 2005. p. 64-72. Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf> > Acesso em: 15 jan. 2015.

SOUZA, Neuza. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TODOROV; Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Tradução de Sergio Goes de Paula. v. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Outras referências

Heróis de todo mundo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=vOSmlHK7QHc&index=39&list=PLqWjtlf0yHm4kkPo86Pek2yD3qp71eDVa>> Acesso em: 12 jan. 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Freiriana 28

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 36, 41, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 102

Articulação interdisciplinar 44, 47

B

Ballet 93, 94, 95, 103, 104, 105, 106

Black Power 55, 56, 57, 59, 60, 61

C

Construção 11, 12, 16, 17, 18, 20, 29, 31, 33, 34, 57, 58, 59, 62, 78, 89, 99, 104, 105

Contexto cultural 60, 61, 62, 76, 77

Criança 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 49, 65, 93, 94, 101, 102, 103, 104

Cultura científica 44

D

Dança 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 76, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106

Dinâmica econômica 82

E

Economia criativa 81, 82, 83, 84, 87, 91, 92

Educação 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 39, 42, 43, 46, 62, 63, 66, 71, 80, 83, 103, 105, 108

Emprego formal 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 91

Ensino 2, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 52, 53, 54, 66, 106, 108

H

História de vida 62

I

Identidade 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 38, 42, 43, 59, 62, 63, 73, 79, 84, 85, 91

L

Lei 11.645/08 15, 16, 19, 26

Literatura 19, 20, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 97, 99, 105

Literatura afro-brasileira 28, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43

M

Mana-Chica do Caboio 15, 16, 22, 23, 24

O

Oncologia 93, 94, 95, 101, 103, 106

P

Pensamento 7, 8, 9, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 67, 86, 92

Pertencimento étnico 28, 29, 30, 31, 35, 40, 41

Pesquisa-ação existencial 28, 29, 30, 34, 40, 41

Pesquisador 34, 35, 62, 63, 74, 79

R

Racismo 25, 32, 37, 38, 42, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

S

Setores culturais 81

Sociocultural 1, 2, 10, 11, 98, 105

T

Terapia 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Terapia ocupacional 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Trabalho colaborativo 44, 46, 53

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

